

REFLEXÃO SOBRE ESTADO DA SOCIEDADE MODERNA NO SÉCULO XXI: OS DESAFIOS O CONTINENTE AFRICANO

AYOLSE ANDRADE PIRES SANTOS¹; ETIENE VILLELA MARRONI²

¹Universidade Federal de Pelotas - ayolsesantos@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - evmarroni@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As sociedades modernas são fruto de um longo processo de transformação do sistema capitalista. O consumo de massa após a queda do muro de Berlim, a crise de 1929, ficou evidente que o sistema econômico percebemos que não era oferta que gerava a demanda, mas sim, a demanda gera a oferta. Nesse sentido, o capitalismo entendeu que era necessário cada vez mais criar necessidades para que houvesse demanda.

Os avanços tecnológicos, principalmente a internet e novas tecnologias de informação, permitiu a expansão do capitalismo no âmbito global. A globalização escondeu a sua verdadeira face e, dessa forma, apresentou-se como a solução para os problemas que afligem as sociedades. Contudo, esse processo acelerou o aumento das desigualdades sociais em países africanos, América Latina e países asiáticos, bem como alguns países europeus, contribuindo para a dissolução da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1991. A expansão do capitalismo global propiciou o genocídio de povos nativos da América Latina, dizimação das aldeias nos países do continente africano (OLIVEIRA, 2004; CHOSSUDOVSKY, 1999).

No caso do continente africano, o continente tem servido como fonte de matéria prima e mão de obra barata para o desenvolvimento do capitalismo europeu desde sua fase inicial. Isso apenas tem sido possível mediante o processo de genocídio dos povos africanos, expropriação das suas riquezas em benefício do capitalismo europeu bem como o capitalismo chinês. O genocídio cultural é outra ferramenta do capitalismo global para controlar as terras africanas (RODNEY, 2022). Nesse sentido, esse trabalho busca uma reflexão do modelo ocidental de civilização, e como essa civilização tem contribuído para o desaparecimento de outras civilizações. Em um momento em que o sistema capitalista ainda continua sem freios, temos vindo assistir às maiores catástrofes naturais fruto das mudanças climáticas. As enchentes no Rio Grande do Sul, as ondas de queimadas no Brasil e em alguns países europeus, a crise de água no México, guerra continua na República Democrática do Congo e em diversos países africanos, são provas que o sistema capitalista enquanto não tiver limites o planeta Terra estará em perigo constante. A negação das soluções encontradas nas culturas africanas, afro-brasileira bem como as culturais milenares dos povos autóctones continua sacrificando o bem do planeta em prol da supremacia branca.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é fruto das discussões em sala feitas a partir da bibliografia da disciplina Estado, Poder e Sociedade. Por meio de estudo bibliográfico teceu-se considerações sobre o atual estado das sociedades modernas. A principal crítica foi tecer justificativa sobre os reais desafios que continuam relegando o continente africano ao subdesenvolvimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de que racismo e colonialismo são coisas do passado não condiz com a realidade atual. Nesse sentido é necessário trazer para o debate as contradições da democracia e capitalismo no mundo moderno. O capitalismo é o modo produção responsável pela civilização europeia atual, e esse modelo tem sido exportado para todas as partes do mundo, negligenciando modos de vida locais, destruindo culturas milenares, alterando as relações interpessoais e impondo o individualismo a essas sociedades ditas primitivas, atrasadas ou tradicionais (WOODS, 2007; ELIAS, 1994).

Nos tempos atuais a democracia tem sido usada como sinônimo de bem-estar social, respeito às diversidades culturais. Contudo, observa-se que o capitalismo é contrário à diversidade, aos valores culturais uma vez que muitos valores culturais representam um obstáculo para a acumulação de capital. Nesses casos o capitalismo imperial tem usado do poder bélico e não só para aniquilar todas as diversidades que representam risco para o capital. Por outro lado, a imposição dos valores ocidentais sobre outras sociedades por meio de religião, e um modelo econômico predatório tem levado ao desaparecimento dos valores culturais das sociedades tidas como primitivas. A globalização tem se apresentado como um modelo civilizacional que precisa ser imposto aos demais povos.

O capitalismo por sua vez, tem introduzido um individualismo assente no materialismo as sociedades atuais, causando destruição das relações interpessoais antes existentes. Ao tornarmos-nos em sociedades de indícios com aponta Elias (1994), temos vindo a produzir e reproduzir relações tóxicas que não reconhecem a importância da coletividade. Sociedades cada vez mais individuais tendem a perder seus modos de vida assente na coletividade e divisão social de trabalho que antes garantiam a autonomia, esse processo também tem sido facilitado pela retirada de terras aos povos.

A história tem mostrado que no caso dos povos africanos, mesmo aqueles em que encontramos sistemas de sociedades sofisticado ainda na era pré-colonial, o modo de produção comunal ainda constituía o principal modo de produção desses povos. A terra tem significado diferente para outros povos, na cultura africana a terra é um bem de uso coletivo deixado pelos ancestrais. Portanto, não era uma mercadoria. a desterritorialização dos povos africanos tem sido a principal estratégia do sistema capitalista de da supremacia branca para desestruturar os povos africanos. Durante a colonização, os europeus não pouparam esforços para transformar os povos africanos dependentes da venda da força de trabalho quando não podiam escravizá-los (ELIAS, 1994; RODNEY, 2022. CHOSSUDOVSKY, 1999).

Temos vindo assistir às diversas catástrofes naturais nos últimos anos, consequência da falta de limite na exploração da natureza pelo sistema econômico hegemônico atual. Esses eventos são provas de que o capitalismo é

um sistema econômico que põe em causa a vida do planeta terra. A dificuldade em implementarmos de facto um desenvolvimento sustentável é meramente por motivos econômicos. A democracia constitui um risco para a acumulação de capital, e os capitalistas parecem não estar dispostos a abrir mão do lucro em benefício da salvaguarda dos direitos da humanidade.

Será impossível um desenvolvimento sustentável sem levar em consideração os conhecimentos que os outros povos têm a oferecer à humanidade. Privar a humanidade da única alternativa ao sistema hegemônico é condenar-nos ao desaparecimento. Por isso é necessário falar cada vez mais em mudanças epistemológicas, permitindo maior difusão dos conhecimentos ancestrais. O desenvolvimento sustentável tem de ser pensado a partir das culturas de cada povo sem imposição de uns contra os outros. Permitir que cada povo dentro das suas cosmovisões definam o que é desenvolvimento é fundamental. Não se pretende aqui negar a interação com outras culturas, até porque, quando se olha para a história da humanidade, a interação entre diferentes povos sempre foi uma prática comum (DIOP, 2023).

O imperialismo, além do capitalismo, foi construído com base no sistema patriarcal, negando assim as contribuições das mulheres na construção das civilizações. O patriarcado tem combatido o sistema matriarcal das culturas africanas, o que tem contribuído para a subalternização das mulheres no continente, negando as grandes contribuições e papéis relevantes que as mesmas outrora ocupavam. O Imperialismo nos dias atuais representa um risco ao planeta como um todo. Destruição de florestas, poluição, aumento de desigualdades sociais, individualismo, subalternização das mulheres e genocídios epistêmicos têm sido as práticas intrínsecas desse sistema.

4. CONCLUSÕES

A corrupção das elites políticas pelo grande capital apresenta como maior desafio do sul global atualmente. O não comprometimento das elites políticas com interesses nacionais tem condicionado os países do sul ao subdesenvolvimento. Assim, a ampliação e o comprometimento com a democracia é indispensável de modo a combater todas as formas de subjugação dos povos, garantir educação, saúde e liberdade de ser.

A valorização das culturas locais também é fundamental nesse processo. Apenas com a valorização das culturas locais, será possível uma nova ressignificação das relações humanas que não seja pautada no individualismo e materialismo. A construção de novos laços sociais com base na coletividade e espírito de bem comum e, em harmonia com o meio ambiente, apenas será possível se pautarem por uma mudança epistemológica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDT, H. **Origem do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- CHOSSUDOVSKY, M. **A globalização da pobreza: impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial**. São Paulo: Moderna, 1999.
- DIOP, C. A. **A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica**. São Paulo: Editora Ananse, 2023.
- ELIAS, N. **A Sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FILHO, P. P. A África no século XXI. **CEBRI-Revista** nº 6 / Abr-Jun 2023.
- GILPIN, R. **A economia política das relações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HARDT, M; NEGRI, A. **Imperialismo**. 2ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.
- JAMES, G. G. M. Legado roubado: a filosofia Grega é a filosofia egípcia roubada. São Paulo: Editora Ananse, 2022.
- Mbembe, A. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- OLIVEIRA, M. J. G. S. A globalização da pobreza: impactos das políticas sociais do Estado neoliberal nas democracias dos países latino-americanos. **Revista Da Faculdade De Direito**, Universidade De São Paulo, 99, 461-474, 2004.
- OROBATOR, A. E. **Religião e fé na África: confições de um animista**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2023.
- RODNEY, W. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. 1ª ed., São Paulo: Boitempo, 2022.
- WOOD, E. M. Capitalismo e democracia. **Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales**, Buenos Aires, 2007.